

“CLARICE LISPECTOR CURTIU UMA PUBLICAÇÃO EM QUE VOCÊ FOI MARCADO”: LEITORES-FÃS E AS TRANSFORMAÇÕES DO LITERÁRIO NO CAMPO DA MÍDIA DIGITAL¹

Sayonara Amaral de Oliveira– UNEB
sayo22@terra.com.br

Resumo: Este texto reflete acerca do modo pelo qual uma “cultura dos fãs” produz novas modalidades de apropriação e de enunciação do literário na contemporaneidade, à revelia dos critérios de leitura especializados e legitimados junto ao campo instituído da literatura. A discussão aborda as *fan pages* criadas pelo público, nas redes digitais, em homenagem a escritores brasileiros consagrados.

Palavras-chave: *Fandom*; *fan pages*; instituição literária; mídia digital; leitores-fãs

“CLARICE LISPECTOR LIKE A PUBLICATION YOU RE TAGGED”: READERS-FANS AND THE LITERARY TRANSFORMATIONS IN THE WORLD OF DIGITAL MEDIA

Abstract: This text reflects on the way how a "fan culture" has been produced new modalities of appropriation and enunciation of the literary in contemporaneity, by default of the specialized reading criteria legitimized next to the established literature field. The discussion addresses fan pages created by the public, on digital networks, in honor of consecrated Brazilian writers.

Keywords: *Fandom*; fan pages; literary institution; digital media; fan-readers

Embora a sua presença seja fundamental para o funcionamento do campo literário, o leitor – aquele que com frequência é chamado pejorativamente de leitor “comum” –, foi por vezes negligenciado no interior desse campo, ocupando aí, quando muito, o lugar de uma entidade abstrata. Nas abordagens oriundas de correntes críticas modernas como o formalismo, o *new criticism* e o estruturalismo, o leitor, idealizado, corresponderia a uma função, que era a de fornecer a resposta “adequada” às coordenadas trazidas pelo texto. Em nome da autonomia estética

¹ Este artigo é um resultado parcial da pesquisa de Pós-Doutorado que realizei junto ao Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio, no âmbito do PROCAD, com financiamento da CAPES. As reflexões aqui trazidas foram apresentadas no XV CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, realizado na UERJ, de 07 a 11 de agosto 2017.

da arte e de sua imanência, tais abordagens, que até hoje influenciam a crítica especializada e, por extensão, o sistema de ensino, providenciaram para que a leitura efetiva fosse ignorada em favor de uma teoria de leitura, como observa Antoine Compagnon.² Isto é: privilegiou-se um leitor virtual e eficiente, que se curvaria às expectativas do texto ou de seu autor, longe das falhas e lacunas, da “má” compreensão ou de quaisquer outros ruídos suscitados pelo sujeito real, histórico, que se dispusesse (ou não) a ler aquele texto.

A demanda pelo silenciamento do leitor “comum” ganhou novos contornos à medida que se conferiu a este leitor o atributo de “fã”. Ao representar o entusiasmo e dedicação desmesurados que um indivíduo ou grupos de indivíduos nutrem por determinados objetos de culto em circulação na cultura massiva e midiática, a condição de fã foi frequentemente criticada, posta sob suspeita, marginalizada. Fazendo eco a um pensamento crítico social de orientação frankfurtiana – o qual, de acordo com Jesús Martin-Barbero,³ enxergava no leitor ou receptor da comunicação em massa unicamente a face do consumidor passivo, alienado, vítima exposta à coerção da mídia –, a imagem que durante muito tempo se teve do fã foi a de um indivíduo obcecado, fora de controle ou até mesmo afetado por um tipo de patologia, conforme observa Jolie Jensen.⁴ E por acréscimo, não se deve perder de vista que a palavra fã (do inglês *fan*) deriva do vocábulo *fanático*, incorporando toda a carga de conotação negativa que este vocábulo já reuniu, ao ser empregado para fins de ridicularização, com a exacerbação do seu sentido religioso.

O *status* de fã não desfruta de prestígio, principalmente, quando se leva em conta o legado de uma tradição intelectual e estética erudita, que prima pelo distanciamento, pela indiferença ou “desinteresse” calculados na apreciação do objeto artístico ou literário. Ao instituir que a arte deveria ser fruída racionalmente pela sua forma e não pela função que viesse a exercer na vida das pessoas, essa tradição defendia a “recusa sistemática de tudo o que é humano”, nos termos de Pierre Bourdieu⁵. E compreende-se, aqui, pelo termo “humano”, tanto as emoções e os sentimentos que os indivíduos comuns experimentam em sua existência comum quanto os temas ou objetos capazes de suscitar tais emoções e

² COMPAGNON, 2001, p. 143.

³ MARTIN-BARBERO, 2002.

⁴ JENSEN, 1992.

⁵ BOURDIEU, 2007, p. 34-35.

sentimentos. Mediante os valores cultivados pela estética moderna, de extração kantiana, que rejeitou as formas de sensibilidade propícias ao arrebatamento emocional e tomou o arrebatamento como uma forma de adesão ingênua ou abandono à sedução fácil, a atitude de entrega assumida pelo fã, a sua extrema proximidade em relação a um objeto de reverência, seria exemplar de um comportamento *naïf*, clichê e vulgar.

Talvez esta seja a razão pela qual, no universo acadêmico, tende-se a dizer que os fãs são sempre “os outros” e nunca “nós”, como afirma Jolie Jensen.⁶ De acordo com a pesquisadora, os intelectuais, a fim de resguardar as fronteiras do bom senso e do bom gosto, costumam admitir que são, no máximo, entusiastas, afeiçoados ou colecionadores de obras ou pensamentos de autores. O intelectual se daria por satisfeito em traduzir a expressão “gosto” pelo termo “preferência”, esta última podendo se converter em *expertise*, jamais devendo ser confundida com paixão. E as escolhas declaradas do intelectual remeteriam, grosso modo, ao repertório da chamada alta cultura, na contramão dos objetos eleitos pelo fã, que estão alocados, predominantemente, nos circuitos desprivilegiados da cultura popular e massiva. Portanto, seja no tocante ao tratamento apaixonado concedido a um ídolo ou objeto de admiração, seja pela posição que este objeto ocupa na hierarquia dos bens simbólicos, a condição de fã também funcionou como um demarcador de distinção cultural, constituindo-se, muitas vezes, em motivo de constrangimento para aqueles que se encorajassem a assumi-la.

Hoje, passadas várias décadas desde que Teorias da Recepção, como a de Hans Robert Jauss,⁷ emergiram no âmbito dos estudos literários, deflagrando a relevância da resposta do público para a vida histórica das obras, e desde que os Estudos Culturais se disseminaram na academia, constituindo um campo de conhecimento empenhado em questionar hierarquias e exclusões erguidas junto à tradição intelectual e artística moderna, pode-se dizer que um outro olhar é lançado sobre a figura do “leitor comum” ou do leitor-fã. E mais recentemente, concorre de forma especial para essa mudança de perspectiva o advento das tecnologias digitais, as quais desempenham um papel excepcional como canais de expressão e de visibilidade para públicos amplos e anônimos, na contemporaneidade.

⁶ JENSEN, 1992, p. 9.

⁷ JAUSS, 1994.

São inegáveis as transformações promovidas pelas mídias digitais em relação ao modelo de produção cultural massiva que vigorou no século XX. Desde os seus primeiros estudos sobre o tema, Pierre Levy⁸ já observava que, diferentemente dos meios eletrônicos convencionais, a exemplo do rádio ou da TV – os quais detinham (detêm) o monopólio da emissão no processo de comunicação, mantendo o controle nas mãos de poucos –, as redes informatizadas liberam o polo da emissão, tornando possível às pessoas em geral produzirem conteúdos de toda espécie. Atualmente, em que pesem ainda as dificuldades para uma inclusão digital efetivamente democrática, a popularização da internet tem favorecido o crescimento vertiginoso do que Henry Jenkins chama de “cultura participativa”,⁹ no interior da qual os públicos usuários da tecnologia tomam a iniciativa de contribuir ativamente na criação, manutenção e circulação de novos produtos culturais.

Entre as formas exemplares dessa cultura participativa, ganham relevo as práticas ligadas ao que vem se chamar de *fandom*. Formado pela união das palavras *fan* (fã, em inglês) e *kingdom* (reino),¹⁰ o termo é empregado, grosso modo, para designar tudo o que diz respeito ao universo do fã. Pode se referir tanto à qualidade de um modo de ser – o “ser fã” – quanto à reunião de um grupo de pessoas em torno de um objeto de admiração, considerando as experiências de trocas subjetivas aí agenciadas.

Em linhas gerais, o nome *fandom* abarca o sentido contido na expressão “cultura de fãs”, englobando o leque de atividades e produções culturais, que, sem negligenciar a dimensão do afeto, em nada se reduzem à paixão ingênua e obcecada por um ídolo – representação costumeiramente evocada para conformar o estereótipo do fã. Os *fandoms* contemporâneos, espalhados nas redes digitais, funcionam como verdadeiras comunidades de leitores/receptores anônimos, os quais encontram espaço para deflagrar uma condição que durante muito tempo lhes foi negada: a de que não apenas fazem usos variados e inusitados dos textos que consomem, bem como estão aptos a criar, conforme os seus interesses, conteúdos a serem lidos/consumidos por outros.

⁸ LEVY, 1999.

⁹ JENKINS, 2009, p.378.

¹⁰ CURI, 2013.

Acompanhando o desenvolvimento das ferramentas digitais, hoje conta-se com uma proliferação de *fandoms*, cujos tipos vão variar conforme a diversidade de formatos e campos artístico-culturais através dos quais os grupos de fãs se expressam: *fan arts* (desenho/pintura), *fan musics* (música), *fan films* (audiovisual), entre muitos outros. No campo da literatura, ganham relevo as comunidades de *fan fictions* (ficções de fã), formadas quando consumidores ardorosos de romances, filmes ou séries de sucesso tomam a iniciativa de dar continuidade ou de reescrever tais narrativas, publicando posteriormente os seus escritos em *sites* específicos para este fim. Essas comunidades configuram verdadeiros circuitos literários alternativos, construídos pelo (e para o) público, com o intuito principal de dar vazão às demandas dos leitores-fãs junto às produções ficcionais que eles tanto admiram.

Além dos sítios de *fan fictions*, que talvez sejam o exemplo mais conhecido e citado entre estudiosos na atualidade, há por certo outras modalidades de *fandoms* literários em vigor na internet, as quais igualmente prestam contas do protagonismo alcançado pelo leitor “comum” nos últimos anos. É a fim de conhecer melhor uma dessas modalidades que destacaremos, aqui, o universo das *fan pages* criadas pelo público, no *facebook*, em homenagem a escritores consagrados.

Nos domínios do *fandom*

Migrando para o *facebook*, eminentes escritores como Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Clarice Lispector, entre outros que firmaram há anos (ou séculos) o seu lugar no cânone literário brasileiro, contam agora com os seus nomes, textos, imagens e dados biográficos servindo de motivo temático em páginas criadas por fãs. Tais autores, que tiveram e ainda têm as suas presenças asseguradas em manuais escolares, bibliotecas ou mesmo nas mídias mais convencionais do jornal, rádio, cinema e TV, passam a integrar a rotina da rede social, com direito a um *fandom* próprio, à semelhança de outras celebridades vinculadas à cultura midiática contemporânea. Habitando um espaço inédito de consagração, eles reavivam o seu posto de “clássicos da literatura” através de tributos prestados por leitores-fãs dedicados.

Como uma das redes sociais de maior penetração na atualidade, o “*face*” tornou-se um espaço privilegiado para o exercício da exposição pessoal, onde

“quase todo ser humano adulto pode buscar se afirmar publicamente em sua singularidade”, de acordo com Tereza Virginia de Almeida.¹¹ Na medida em que essa projeção de si abriga também os capitais culturais referentes a padrões sociais de gosto e de consumo, pode-se presumir que o investimento do público na criação de *fan pages* com rubricas de prestigiados escritores traduz, em certa medida, a demanda de expor na mídia a sua autorrepresentação como leitores ou receptores “*cults*”, admiradores de obras representativas junto à instituição literária. Agindo de modo a demarcar esse código de distinção, os fãs estariam, assim, buscando o “efeito de legitimidade”, nos termos de Pierre Bourdieu,¹² que é obtido quando as preferências de consumo cultural declaradas por um indivíduo entram em conformidade com o repertório validado pela tradição artística e intelectual erudita.

Por outro lado, ponderações são necessárias quando estamos diante de uma cultura de fãs, que, ao fazer da mídia digital o seu suporte, proporciona uma liberdade de expressão antes impensada para o público “geral”. A escolha de autores canônicos atesta a influência dos valores cultivados por uma forte e diligente tradição cultural letrada, a qual teve/tem na literatura o seu signo de mais alta cotação, sobretudo quando vinculada à escola, que é onde geral se trava um primeiro contato com esses autores. Contudo, a permanência da tradição não inviabiliza que distintos modos de ler sejam ativados por esse público, isto é: se o elenco de escritores celebrados no *facebook* atende a um repertório estabelecido pelo campo literário instituído, a conformidade com o repertório não garante obediência aos protocolos de leitura legitimados junto ao campo.

À revelia de críticos, professores, editores, jornalistas ou demais vozes autorizadas a arbitrar sobre o literário, as atividades promovidas pelos leitores-fãs ocorrem num espaço que não é mais controlado por especialistas na matéria e cujas coordenadas são agora fornecidas pelo público amplo que frequenta a internet. Trata-se de um público heterogêneo, com hábitos de leitura e consumo cultural híbridos, dispersos, razão pela qual se torna improcedente, segundo Néstor García Canclini,¹³ aprisioná-lo em antigos modelos de classificação e segmentação, como o do popular e o do erudito. É possível que esse público esteja

¹¹ ALMEIDA, 2016.

¹² BOURDIEU, 2004, p. 236.

¹³ CANCLINI, 2003.

motivado a dar continuidade aos cânones institucionais, inclusive para desfrutar do prestígio que estes ostentam junto à tradição letrada e literária. Mas, se assim for, deve-se reconhecer que tal demanda está sendo agora extravasada em um endereço e circuito diferentes, o que vai, sem dúvida, conferir novas nuances àqueles cânones.

Em geral, as *fan pages* aqui mencionadas trazem, além de textos dos escritores homenageados, os seus dados biográficos, fotos, charges, vídeos que estejam disponíveis na rede, bem como informações atinentes à repercussão de sua obra, quando ocorre a nova edição ou reimpressão de um livro ou relembra-se alguma data comemorativa em sua carreira. Nesse sentido, os fãs atuam à maneira dos novos arcontes ou “guardiões do arquivo”, pois se ocupam de coletar e reunir signos a fim de “coordenar um único *corpus* em um sistema ou uma sincronia na qual todos os elementos articulam a unidade de uma configuração ideal”, conforme definido por Jacques Derrida.¹⁴ A unidade requerida repousa nos “perfis” dos autores e autoras reverenciados, que encontram na internet um novo domicílio para o seus acervos, expostos agora em formato digital.

Embora as *fan pages* apresentem, majoritariamente, um único proprietário/administrador, muitas delas trazem a identificação de “comunidade”, o que se justifica pela lógica da interatividade e participação que uma mídia como o *facebook* convoca. Assim, os visitantes dessas páginas, sendo seguidores ou não, podem, além de emitir comentários, publicar as suas próprias postagens, desde que sejam concernentes à obra ou à figura do escritor homenageado. Tal abertura para o envolvimento de outros usuários, colocando em relevo a perspectiva da coletividade, fica explícita no simpático comentário postado pelo(a) administrador(a) de uma *fan page* dedicada a Lima Barreto: “Sinta-se à vontade para postar matérias, trechos de romances e o que mais quiser sobre Lima Barreto. A página é nossa!!! abraço.”¹⁵

Como a rede social é regida pela conquista de amigos-seguidores e pela visibilidade que junto a estes se venha conquistar, é notável o modo como o responsável por uma *fan page* cuida da atualização de sua página, preenchendo-a

¹⁴ DERRIDA, 2001. p. 14.

¹⁵Disponível em: https://www.facebook.com/pg/Lima-Barreto-251120354938024/community/?ref=page_internal

https://www.facebook.com/pg/Lima-Barreto-251120354938024/community/?ref=page_internal

regularmente com publicações, as quais vão ficar em contínua evidência nos *feeds* de notícias de seus seguidores. Não faltam estratégias para atrair a atenção do público, condizentes com as oportunidades e condições que a tecnologia oferece. A título de exemplo, no dia 31 de outubro de 2016, em comemoração ao dia do nascimento do poeta Carlos Drummond de Andrade, uma de suas páginas lançou a enquete com o seguinte convite: “faça um teste e descubra que poema de Drummond você é”.¹⁶ Constituindo novas formas rituais de consagração da literatura no contexto midiático contemporâneo, essas enquetes, questionários e sondagens promovidas com as ferramentas digitais funcionam como dispositivos para conquistar o engajamento de outros leitores, a fim de solidificar o *fandom* construído em torno dos escritores celebrados.

Quem possuir uma conta no *facebook* não deve se surpreender, portanto, que apareçam na sua *timeline* mensagens do tipo: “Machado de Assis alterou a sua foto de perfil”, “Clarice Lispector curtiu uma publicação em que você foi marcado”, ou ainda: “Lima Barreto lhe enviou uma solicitação de amizade”. Em sua escancarada inverossimilhança, quase jocosa, o teor dessas mensagens passa a significar o que, em termos simbólicos, torna-se eminentemente real: os escritores ganham vida nova à medida que são “tomados” por usuários do *facebook*, numa relação de familiaridade com o público antes impensada, o que lhes assegura longevidade em meio às inúmeras postagens, curtidas e compartilhamentos. A esse propósito, vale registrar um episódio que se tornou anedótico, conforme relatado por Fabio Malini,¹⁷ em seu estudo sobre usuários-fãs de literatura brasileira nas redes sociais. O pesquisador conta que uma assessora de uma grande bienal de literatura entrou em contato com a *fan page* de Paulo Leminski e convidou o autor para uma mesa de debates. Diante da inusitada convocação, Leminski, “encarnado” em seu perfil digital, prontamente respondeu: “Obrigado, mas eu já morri. Dureza, né?”¹⁸

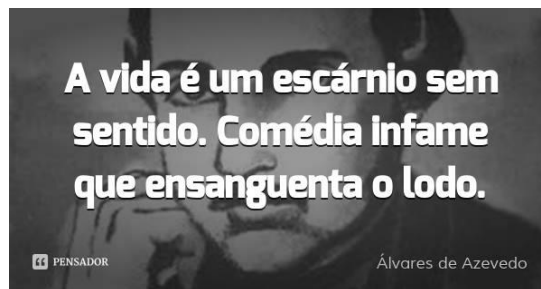
Lendo como fã

¹⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/drummondpoemas/posts/1447984068548275>

¹⁷ MALINI, 2014.

¹⁸ MALINI, 2014, p. 232.

Entre os diversos e singulares modos de ler veiculados nessas páginas, merece destaque um procedimento muito frequente, que consiste em postar citações (*quotes*) de frases ou versos da autora ou do autor reverenciado. Em muitos casos, tais postagens tornam-se o que já se costuma chamar de “virais”, por se propagarem com extrema velocidade na rede, em proporções quase inalcançáveis. Abaixo seguem três exemplos para ilustração:



(Álvares de Azevedo - O Grande Poeta)¹⁹



(Manuel Bandeira)²⁰

¹⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/poetaalvaresdeazevedo/>

²⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/Manuel-Bandeira-834626569951233/>



(Lygia Fagundes Telles)²¹

De início, essas postagens dão conta das singularidades do texto eletrônico, que se faz literalmente recortável, móvel, transferível, passível de ser e transformado e "mixado" a fim de atender aos mais variados propósitos, como observa Lúcia Santaella.²² A brevidade e concisão dos textos aí veiculados também se sobressaem, remetendo à celeridade que o processo comunicacional alcança nos tempos contemporâneos, em especial diante dos suportes do computador e da internet, que impõem o tráfego de informações sucintas e ligeiras, a serem absorvidas por uma leitura igualmente ágil.

Sem perder de vista as novas propriedades que a linguagem assume no suporte digital, podemos observar que a iniciativa dos leitores por recortar os trechos das obras e levá-los a desfilar em suas *fan pages* rompe, de forma decisiva, com aquele princípio de distanciamento estético fomentado junto à tradição cultural erudita, mediante a qual a paixão do fã foi rebaixada a uma modalidade de fruição de segunda categoria. Orientada pelo distanciamento estético, a apreciação "correta" de uma produção literária autoral exigiria do leitor que assumisse uma postura respeitosamente contemplativa diante do texto ou então que partisse para um investimento de leitura alicerçado no rigor crítico. Neste último caso, tratando-se dos trechos sublinhados em uma obra, seria imperioso, entre outros procedimentos, levar em conta os respectivos contextos de enunciação desses

²¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/lygiafagundestelles/>

²² SANTAELLA, 2007.

trechos no interior do discurso maior de onde foram recortados, conhecer o projeto estético de seu autor, bem como situá-lo em um determinado momento histórico ou linhagem literária.

Nas *fan pages*, todo esse empreendimento de leitura cultivado e informado por especialistas é negligenciado, ainda que o leitor-fã possa ter dele conhecimento e saiba dele se utilizar, conforme tenha aprendido na escola ou acessando textos da crítica especializada. Na cultura dos fãs manifestada pelo *facebook*, deflagra-se outro modo de abordagem dos textos, em que pesa mais o encantamento por um determinado trecho, o qual talvez possa expressar um modo de ser/sentir daquele ou daquela que o citam. E assim, encurtando a distância que separaria o fã do seu “ídolo”, no caso, o escritor favorito, põe-se em marcha o caráter “invasivo” da leitura, que constitui o motor do trabalho da citação, nos termos de Antoine Compagnon:

Quando cito, extraio, mutilo, desenraízo. Há um objeto primeiro, colocado diante de mim, um texto que li, que leio; e o curso de minha leitura se interrompe numa frase. Volto atrás: re-leio. A frase relida torna-se fórmula autônoma dentro do texto. A releitura a desliga do que lhe é anterior e do que lhe é posterior. O fragmento escolhido converte-se ele mesmo em texto, não mais fragmento de texto, membro de frase ou de discurso, mas trecho escolhido, membro amputado (...). Porque minha leitura não é monótona nem unificadora; ela faz explodir o texto, desmonta-o, dispersa-o.²³

Ao citarem em profusão os trechos dos escritores que elegem, os leitores-fãs inscrevem esses objetos de admiração no seu convívio cotidiano. E, para realizar tal feito, pouco importará se a citação um uso foi “amputada” da fala de uma personagem ou do narrador de um conto ou romance, assim como pouco interessará informar se o texto original foi produzido em verso ou em prosa. Indo mais longe, talvez pouco importe até mesmo verificar se o trecho em questão pertence de fato ao autor homenageado na *fan page*, pois é notável a frequência com que, na internet, textos literários circulam com autorias trocadas, embaralhadas, sendo muitos deles textos apócrifos aos quais se empresta falsas assinaturas de famosos, conforme apontado por Cora Rónai.²⁴

Desviando de vários requisitos legitimados junto à instituição literária, representativos de uma leitura considerada mais criteriosa ou “adequada”, o

²³ COMPAGNON, 2007, p.13.

²⁴ RÓNAI, 2006.

emprego do recurso citacional nas *fan pages* parece traduzir aquele conhecido sentimento que leva alguém a dizer o seguinte sobre algo que leu: “Eu poderia ter escrito isso!” E esse sentimento, tão corriqueiro, pode alcançar um significado poderoso diante da interpretação singular que Michel de Certeau²⁵ propõe para o conceito de assimilação no terreno da leitura e do consumo de bens culturais, de forma geral. Ao tomar o leitor como um viajante, um nômade caçando livremente pelos campos que não escreveu, o autor afirma que, na prática da leitura, pensada em sua dimensão ativa, produtiva, assimilar um texto não significa “tornar-se semelhante” àquilo que se consome ou que se absorve. Ao invés disso, assimilar é tornar o que se lê “semelhante ao que se é, fazê-lo próprio, apropriar-se ou reapropriar-se dele.”²⁶

Como mostra dessa experiência de leitura em que assimilação deixa de representar subserviência para se converter em potência e autonomia, não é por acaso que, nas *fan pages*, os leitores-fãs imprimem sobre os textos de que se apropriam as marcas de sua intervenção enquanto produtores ou criadores. Conforme ilustram os três exemplos registrados anteriormente, os trechos autorais citados pelos fãs, na maior parte das vezes, passam pelos cuidados de uma edição, com vistas a torná-los mais atrativos ao olhar do público. São utilizados planos de fundo e letras especiais, além do acréscimo de fotografias ou gravuras, entre outros recursos de composição que vão, sem dúvida, agregar maior valor à postagem, já que, contemporaneamente, o apelo da cultura visual torna-se imperioso nas mais diversas mídias. Quem frequenta o *facebook* sabe que, em geral, as postagens mais “curtidas” e compartilhadas são aquelas que investem em algum efeito visual, por menor que seja.²⁷

Como “invasores de textos” – expressão empregada por Henry Jenkins²⁸, na esteira de Certeau, para definir a singularidade da “atitude fã” –, os leitores se apossam dos discursos com os quais estabelecem uma forte identificação, refabricando esses discursos. E é evidente que nesse gesto de apropriação não se

²⁵ CERTEAU, 1994.

²⁶ CERTEAU, 1994, p. 261.

²⁷ No site *FLAG – Agência de Internet*, responsável por oferecer, entre outros serviços, o agenciamento de marketing digital em redes sociais, consta que 93% das publicações de maior repercussão no *facebook* possuem imagens ou conteúdos visuais. Disponível em: <http://www.agenciaflag.com.br/como-ter-mais-curtidas-e-aumentar-o-alcance-das-postagens-no-facebook/>

²⁸ JENKINS, 2015.

vislumbra qualquer problema quanto à questão da propriedade intelectual, pois o fã, administrador da *fan page*, trabalha num relativo anonimato e é a rubrica do escritor homenageado que, a priori, subscreve todas as citações postadas na página.

Contudo, se a identidade protocolar e jurídica dos autores prevalece, constituindo a própria razão de ser da *fan page*, isso não significa que o monopólio da expressão autoral se mantenha aí sem qualquer abalo. Pois fica claro que o leitor-fã não se põe inerte diante dos textos admiráveis que o seu escritor preferido se reserva o direito de assinar. Esses textos são transportados para um território alheio – o território do fã, que configurou a página eletrônica e que, alimentando-a com suas postagens, faz dessa página um outro produto cultural, apto a conquistar o seu próprio público na rede social. Já distantes do contexto original de que foram recortadas, as citações autorais ganham novo registro e formato, conferidos pelo fã, que passa aí a atuar como uma espécie de curador desse espólio ou co-autor. Isto é: como aquele que se torna de certo modo responsável pela existência dos textos em um novo espaço de publicação e divulgação.

Diante dos modos de ler acima esboçados, surgem algumas pistas para pensar as transformações por que passa o campo da literatura na contemporaneidade, quando constatamos que autores canônicos, de ontem e de hoje, são “assimilados” vorazmente no interior de uma cultura de fãs. Para os detratores da cultura midiática, que defendem a pureza e superioridade do literário frente a outras manifestações culturais, haveria nesse movimento de abertura junto às redes digitais perdas consideráveis no tocante ao valor da literatura, grafada com inicial maiúscula. Esta teria o seu capital simbólico descaracterizado mediante práticas de leitura tidas como amadoras, superficiais, cujo maior prejuízo, segundo tal perspectiva, residiria no fato de alcançarem agora “ares” de autonomia, repercutindo em ampla escala. Nos tempos contemporâneos, em que se multiplicam as fontes de legitimidade cultural, o pensamento apocalíptico ainda insiste em vaticinar um provável “fim da literatura” diante das expansões midiáticas, recusando-se a admitir a incontestável emergência de outros espaços, de outras modalidades de apropriação e de enunciação do literário, as quais ocorrem à revelia das instâncias tradicionalmente autorizadas, como a opinião da crítica, o ambiente acadêmico ou o sistema escolar.

Mas para quem entende que a literatura deve constituir um bem simbólico disponível e sempre mais acessível, a ser reivindicado por aqueles que durante muito tempo foram por vezes depreciados com o rótulo de “leitores comuns”, a proliferação dos *fandoms* nas redes digitais guarda aspectos promissores. Revelando que uma cultura dos fãs não tem o compromisso de obedecer às expectativas que a instituição literária traçou para a leitura acertada dos textos de escritores consagrados, as *fan pages* criadas em homenagem a esses escritores permitem que novos sujeitos assumam o posto de promotores e mediadores culturais da literatura, com direito a selecionar, editar e publicar conteúdos para este fim. E a chance de conquistar um sem-número de possíveis seguidores no *facebook* conta como uma vantagem a mais, pois, ao promover um escritor preferido, o fã se promove também, passando a ocupar, na sua condição de leitor anônimo, um lugar de expressão e visibilidade que antes estaria reservado somente a especialistas. Especialistas, cujas palavras de ordem, afinal, já não surtem efeito nesses novos domínios.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Tereza Virginia de. Facebook: uma tecnologia de si. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 18, n. 28, 2016. Disponível em: <http://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/397/389> Consultado em: 20/03/2018.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Tradução de Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Introdução, organização e seleção de Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. São Paulo: EDUSP, 2003.
- CERTEAU, Michel de. *Artes de fazer – a invenção do cotidiano*. Tradução de Ephraim Ferreira Aves. Vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1999.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Tradução de Cleonice P.B. Mourão. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2007.
- CURI, Pedro. *Fan arts, fan fics, fan films: o consumo dos fãs e a criação de uma nova cultura*. In: BAMBÁ, Mahomed (org.). *A recepção cinematográfica: teoria e estudos de casos*. Salvador: EDUFBA, 2013.
- DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução de Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FLAG – Agência de Internet. Disponível em: <http://www.agenciaflag.com.br/como-ter-mais-curtidas-e-aumentar-o-alcance-das-postagens-no-facebook/> Consultado em: 21/03/2018.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. Tradução de Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, Henry. *Invasores do texto: fãs e cultura participativa*. Tradução de Érico Assis. NOVA Iguaçu-RJ: Marsupial Editora, 2015.

JENSEN, Jolie. Fandom as Pathology: The Consequences of Characterization. In: LEWIS, Lisa (Org.). *Adoring audience: fan culture and popular media*. London: Routledge, 1992.

LEVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MALINI, Fabio. Literatura, Twitter e Facebook: a economia dos likes e dos RTS dos usuários-fãs de literatura brasileira nas redes sociais. *Observatório Itaú Cultural*, São Paulo: Itaú Cultural, n. 17, ago/dez 2014, p. 204-234.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, Mauro Wilton de (Org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. Tradução de Silvia Cristina Dotta e Kiel Pimenta. São Paulo: Brasiliense, 2002.

RÓNAL, Cora (Org.). *Caiu na Rede. Os textos falsos da internet que se tornaram clássicos*. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

SANTAELLA, Lúcia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

Fan pages

ÁLVARES DE AZEVEDO – O GRANDE POETA. Disponível em: <https://www.facebook.com/poetaalvaresdeazevedo/> Consultado em: 20/03/2018.

LYGIA FAGUNDES TELLES. Disponível em: <https://www.facebook.com/lygiafagundestelles/> Consultado em: 20/03/2018.

MANUEL BANDEIRA. Disponível em: <https://www.facebook.com/Manuel-Bandeira-834626569951233/> Consultado em: 20/03/2018.

POEMAS DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE. Disponível em: <https://www.facebook.com/drummondpoemas/posts/1447984068548275/> Consultado em: 20/03/2018.

Currículo abreviado da autora:

Sayonara Amaral de Oliveira

Doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia, a autora é professora Titular da Universidade do Estado da Bahia, onde atua como docente permanente no Programa de Pós-graduação em Estudo de Linguagens. Atualmente, realiza o Pós-Doutorado junto à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, no âmbito do PROCAD/CAPES. Além de publicar trabalhos em periódicos e em capítulos de livros coletivos, publicou o livro *Aos cuidados de Paulo Coelho.Com: um estudo de recepção nos blogs do escritor* (EDUFBA, 2015).